**Evento**:XXVI Jornada de Extensão

# A ESCOLA E A MODERNIDADE: O MAL-ESTAR NA CULTURA E O DECLÍNIO DE EROS [1]

**Guilherme Moreno Fabrin[2], Gustavo Reimundo dos Santos Sippert[3]**

[1] Projeto realizado por egressos do Curso de Psicologia da UNIJUÍ desenvolvido a partir de pesquisa institucional no Mestrado em Educação nas Ciências
[2] Graduado em Psicologia pela UNIJUI, Mestrando em Educação nas Ciências
[3] Graduado em Psicologia pela UNIJUÍ

## INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço social e formativo, encontra-se atravessada pela modernidade, marcada pela lógica neoliberal e pela fragmentação das relações. Nesse contexto, observa-se o enfraquecimento dos vínculos e a redução do processo educativo a uma dinâmica de universalização, que limita a abertura ao outro e empobrece a aprendizagem. O mal-estar cultural, descrito pela psicanálise, manifesta-se no cotidiano escolar como competição e destruição da alteridade.

Dessa forma, repensar o papel de *Eros* na educação forma-se uma forma de resgatar a dimensão do ensinar. Entendido como conexão e reconhecimento da alteridade, Eros possibilita o ensino que valorize o encontro da subjetividade, em contraposição à racionalidade tecnicista. Assim, a escola pode ser concebida como espaço de formação integral, onde o vínculo entre professor e aluno se torna condição para a construção de saberes e de subjetividade.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e enfoque interdisciplinar, articulando contribuições da psicanálise e filosofia. Trata-se, portanto, de um recurso metodológico essencial para a construção teórica da pesquisa, permitindo mapear, comparar os discursos existentes sobre os tópicos abordados. A seleção do material bibliográfico seguiu o critério da relevância teórica e simbólica para os temas em foco, sendo analisado com base em uma abordagem hermenêutica, sensível à subjetividade dos pesquisadores e à complexidade simbólica dos fenômenos estudados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud propõe uma análise da cultura — ou civilização — como produtora de sofrimento e infelicidade psíquica. A civilização é concebida não apenas como base material e econômica, mas também como o conjunto de bens simbólicos e espirituais que compõem uma determinada formação social. Para o indivíduo nela inserido, participar da vida civilizada implica a renúncia significativa de suas pulsões, gerando uma tensão fundamental entre as promessas de felicidade e as exigências de repressão.

Se a cultura, conforme Freud (1930), nasce do esforço de *Eros* para reunir os sujeitos em comunidade, o que se observa no cotidiano escolar contemporâneo é a negação desse impulso originário. Capturada por lógicas neoliberais, a escola fragmenta os sujeitos, transforma o outro em rival e reduz o sofrimento a disfunção clínica. Nesse cenário, o conceito freudiano de *Unheimlich* (1919) ajuda a compreender o fechamento à alteridade: o estranho no outro remete ao que é recalcado em nós mesmos. Já em *A negativa* (1925), Freud mostra que é possível reconhecer intelectualmente um conteúdo reprimido sem aceitá-lo afetivamente. No campo da alteridade, isso significa admitir a diferença sem integrá-la, mantendo-a à distância.

Desta forma, pode se observar o fenômeno da colonização e/ou do racismo que opera nessa mesma lógica da não aceitação e até criminalização da alteridade, como afirma Kilomba ([2017] s.p.): “Estamos lidando aqui com um processo de recusa, já que o mestre nega seu projeto de colonização e o impõe ao/à colonizado/a.”. Além disso, a autora vai além comentando sobre a natureza desse processo: “É justamente esse momento – no qual o sujeito afirma algo sobre o outro que se recusa a reconhecer em si próprio – que caracteriza o mecanismo de defesa do ego.”.

Na escola, essa recusa ao outro manifesta-se também no tratamento dado a modos de ser, saberes e expressões que escapam ao que a sociedade denomina “padrão”. Em vez de se abrir ao que é diferente como possibilidade de ampliação simbólica, a instituição tende a enquadrar, corrigir ou excluir. Como aponta Bauman (2001), em uma modernidade líquida, marcada pela instabilidade e pela fluidez das relações, a diferença tende a ser percebida como ameaça à ordem e à previsibilidade. Assim, o outro — seja colega ou professor — deixa de ser possibilidade de encontro e passa a ser percebido como obstáculo, reforçando a lógica neoliberal da concorrência.

O fechamento ao infamiliar é também um fechamento a *Eros*. A recusa da alteridade impede a criação de vínculos genuínos e empobrece a experiência de convivência. A escola, que poderia ser lugar de encontro, torna-se espaço de isolamento e comparação, refletindo e reproduzindo o mal-estar mais amplo da cultura contemporânea.

Em *O Banquete* (2008), Platão apresenta *Eros* como força originária e fundante da ação humana, capaz de inspirar coragem e orientar a vida ética e política, muito além do âmbito sexual ou afetivo.

Essa perspectiva dialética sobre *Eros* — como impulso vital, mas também como fonte de conflito e contradição — será posteriormente reelaborada por Freud, especialmente em *Além do princípio do prazer* (1920), quando introduz a noção de pulsões em antagonismo: *Eros* e *Thanatos*. Enquanto *Eros* busca unir, conservar e perpetuar a vida, *Thanatos* tende à dissolução, à descarga de tensão e à repetição mortífera.

Para nós, portanto, devemos olhar para *Eros*, essa conectividade entre dois sujeitos, possibilita a noção de existência do outro em si mesmo, podemos chamar pelo conceito freudiano de transferência, ou amor transferencial. Essa conexão entre dois sujeitos está disposta no fazer educacional, onde o professor se dispõe da existência do aluno em si e o aluno acredita que esse mestre possui o saber e que está envolto no laço de *Eros*.

Em contraste, o que se observa é uma escola do "apostilamento", que padroniza os sujeitos e reduz sua singularidade. Han (2012) observa que a lógica neoliberal reforça esse nivelamento, apagando a experiência da alteridade e voltando o investimento apenas à própria subjetividade.

A relação de Eros pode ser vista também como o amor do professor pelo conteúdo e pela crença, mesmo que impossível, que ele possa educar alguém, como vemos em Freud no prefácio Prefácio à *Juventude Desorientada* de August Aichhorn:

> "Minha cota pessoal nessa aplicação da psicanálise foi muito leve. Em um primeiro estádio, aceitei o bon mot que estabelece existirem três profissões impossíveis - educar, curar e governar -, e eu já estava inteiramente ocupado com a segunda delas. Isto, contudo, não significa que desprezo o alto valor social do trabalho realizado por aqueles de meus amigos que se empenham na educação." (FREUD, 1980, p.162)

Freud coloca o professor em um local semelhante ao do analista, por mais que independe do mestre o aprendizado do aluno, não significa que ele não se fará presente, pois dessa presença e desse Amor pelo conteúdo que nascera a possibilidade do aprendizado, como vemos na obra *Em defesa da escola: Uma questão Pública* de Jan Masschelein e Maarten Simons

> "...o amor de que estamos falando aqui não se expressa de uma maneira espetacular, mas de maneira bastante comum: em pequenos gestos ordinários, em certos modos de falar e de escutar." (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 40)

Dessa forma, por que afirmar que *Eros* está em declínio? *Eros* perde suas plumas para o que podemos chamar de neoliberalismo, o vazio que o professor sente ao perceber que não deve amar sua matéria, mas sim concluir com o conteúdo programático, deve esquecer do "pequeno sujeito" que ali está e deve ver nele a possibilidade de repetição de conteúdos onde se perde a subjetividade e *Eros*. A velocidade do neoliberalismo ligado ao comando do capitalismo fez com que a escola perdesse sua essência, *skholé* no grego, como vemos na obra *Em defesa da escola: Uma questão Pública*, significa "tempo livre, descanso, adiamento, estudo, discussão, classe, escola, lugar de ensino"(MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 40). Esse tempo foi perdido, jogado ao encontro da demanda do capital e junto com os preceitos gregos *Eros* foi perdido, pois não há de existir *Eros* onde *Thanatos* deixou suas garras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o mal-estar da cultura atravessa a escola sobretudo pela lógica neoliberal, que enfraquece os vínculos e transforma o ensino em mera reprodução de conteúdos. Nesse processo, *Eros* — entendido como força de ligação e reconhecimento da alteridade — vai sendo progressivamente silenciado. Recuperar sua dimensão significa resgatar a escola como espaço de encontro, de formação integral e de produção de subjetividade. Embora educar se inscreva entre as "profissões impossíveis", como lembrava Freud, é justamente nesse impossível que reside a potência da educação: sustentar laços, acolher singularidades e resistir ao esvaziamento promovido pela racionalidade técnica.

**Palavras-chave**: Eros.Neoliberalismo.Escola.Educação.Psicanálise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2. ed. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FREUD, Sigmund. Prefácio à "Juventude Desorientada" de Aichhorn. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Volume 19.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. 1. ed. Tradução do alemão de Renato Zwick.– Porto Alegre. RS: L&PM, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução e introdução de José M. G. de Carvalho. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2002.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar (Das Unheimliche)**, 1919. In: _____. Obras completas, vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **A negativa**, 1925. In: _____. Obras completas, vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KILOMBA, Grada. **A máscara**. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 11, 2017. Disponível em: https://piseagrama.org/artigos/a-mascara. Acesso em: 13 ago. 2025.